

UM CONTO BEM-AJAMBRADO

[Para ler em pausas]

Yvisson Gomes dos Santos (UFAL)

Algumas vezes, ocorrem pausas na visão como um vértice que se estende até à superfície da colina. Essas pausas tremem os recintos silenciados. Nenhum olhar evoca o “pausar” das aves, dos pássaros das cidades na diuturna caminhada do homem em sua solidão – marco zero de uma andança que não se sabe o significado que dela se depreenderá. Apenas uma solidão com histórias de contorções em espectro ensimesmado. Esse espectro é de pausas constantes, e os pássaros estão sem ver o homem solitário – aquele que flana.

A colina pela Ciência da Geografia é um Tabuleiro – uma terra próxima ao céu em comparação à epiderme do solo marítimo. Uma audaciosa percepção que não tem um afeto específico, mas uma constatação estrangeira.

Sou um caracol que, vez por outra, coloca a cabeça para fora de sua caserna e contrai suas pupilas com o sol nascente. Algumas vezes imune ao mundo, tomo rédeas e saio do local em que me encontro. Pausa. Bem pausadamente, admiro o planeta em horizontes. É um abismo quase bíblico, contudo me refresco com o idílio da leve ventania desse abismo.

Quando papai era vivo, sempre chegava nas festas as quais era convidado com uma hora de antecedência. Não era caracol. Eu, ainda, sou. Mas a lua é simples em comparação ao mundo dentro do meu *habitat*. Por que a lua me meio a escrita?

Dizem ser a lua um objeto de loucura, feita de queijo com crosta aveludada, um *Camembert*, talvez.

Ah! Mas dentro da órbita de meu casulo, tudo é rarefeito. Tenho locais preferidos: uma sala amistosa e um quarto barulhento. Sempre tem pausas. Caracol gosta de pausas. Decerto, no meu quarto mora um Aristides – não sei de que romance ou conto literário esse nome me veio – sem problemas –, um Luís da Silva cairá melhor em homenagem ao Mestre Graça.

Vamos ver: esse Luís da Silva mora comigo, no meu quarto. Algumas vezes trocamos figurinhas, outras vezes o afugento de mim. Faz-se necessário uma paz na solidão. Custa imaginar uma paz sem o Luís da Silva? Eu acredito que sim. Seria uma impostura, acaso falasse ao contrário. Nós homens precisamos de um sossego que se a demora explicar, mas um barulho é bom que exista – paradoxos.

Ligo o toca-discos antigo, e ouço de tudo que me é possível. Rosinha, a faxineira, reclama. Pois não gosta de algumas músicas quando se referem a óperas ou operetas. Chamo-a de inculta? Jamais!

Agora quando ela invade meu aposento de dormir, já adianto: “Pausa, mocinha. Aqui tem regras. Nada de limpar meus vinhos. Isso é comigo”. Ela nem confiante da minha interpelação, desfaz tudo a seu modo. Muda móveis, livros e discos. Afirma não ter paciência para as minhas exigências infantis. Preciso me conter senão a devoro feito uma ave de rapina em carcaça de porcos malcheirosos. Pausa. Paciência.

Bem, daí vem a sala de estar. Tomo um iogurte de morango, uma fruta da estação e espero Rosinha sair de meu quarto.

Quanto a Luís da Silva, xiii!!! Já se foi para o boteco tomar uma aguardente. Logo nos dias de semana? Isso é para poucos. Ele tem suas mulheres por debaixo dos panos – um talarico.

Pois bem: o dia é da Rosinha, meu e do talarico.

Nada se desmorona facilmente, pois tenho minha filha. Logo fará 27 anos. Médica. Casada. Pausa. Ainda sem me dar netos – melhor assim.

Filhos são dádivas de Deus; preferi ter uma, somente. Dia desses escrevo sobre minha esposa. Pausa. Nem tudo é para agora. Vou voltar a caserna, depois penso nas palavras, nos signos que darei a minha companheira que anda trabalhando demais.

Eu fico com a lancinante sensação do gosto do cigarro e da fumaça que a vejo com desconfiança. Nunca faz círculos ao ar. Teima em ser reta e delgada. Obra do destino. Pausa.

Que susto! Alguém jogou fogos de artifícios na rua. Meu Deus, já são nove e meia da manhã! Que sonho obtuso e louco que tive. Nem sei o que dizer. Pausa. Ora, eu pensei ser tudo isso que escrevi, mas nada se comparou ao vinho tinto da noite, talvez o causador desse abraço de Morfeu. Não obstante, o confiável, o verdadeiro mesmo desse sonho é o cigarro.

Eu vou tomar banho, desjejuar e pitar para inquirir se estou dentro ou fora de mim – questão de pausa. Questão de caracol.

Pergunto, agora, coçando a testa: mas como me dei conta que escrevia estando eu dormindo?

Uma pausa desconfiada se mescla na colina e na epiderme do solo marítimo dessa escrita lenta e irruptiva.

Recebido em: 29/01/2023

Aprovado em: 19/05/2023

Publicado em: 04/09/2023



10.29281/r.decifrar.2023.1a_v02